

OS
DOZE

JUSTIN CRONIN

Livro II da trilogia A PASSAGEM





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

PARA LESLIE,
LADO A LADO.

PRÓLOGO

Dos escritos do Primeiro Registrador (“O Livro dos Doze”)

Apresentado na Terceira Conferência Global sobre o Período de

Quarentena Norte-americano

Centro de Estudos de Culturas e Conflitos Humanos

Universidade de New South Wales, República Indo-australiana

16 a 21 de abril, 1003 D.V.

[Começa o trecho da citação]

CAPÍTULO UM

1. *E aconteceu que o mundo tinha ficado maligno, os homens tomaram a guerra no coração e cometeram grandes vilanias com todas as coisas vivas, de modo que o mundo era um sonho de morte.*

2. *E Deus olhou sua criação com grande tristeza, pois seu espírito não residia mais com a humanidade.*

3. *E o SENHOR disse: Como nos dias de Noé, um grande dilúvio varrerá a Terra; e será um dilúvio de sangue. Os monstros no coração dos homens tornar-se-ão carne, devorando todos em seu caminho. E eles serão chamados de virais.*

4. *O primeiro caminhará entre vocês disfarçado de homem virtuoso, escondendo o mal que há dentro dele; e eis que uma doença cairá sobre ele, de modo que seja tornado à semelhança de um demônio, terrível de olhar. E será o pai da destruição, chamado de o Zero.*

5. *E os homens dirão: Um ser como esse não seria o mais poderoso dos soldados? Os exércitos dos nossos inimigos não largariam as armas para cobrir os olhos simplesmente ao vê-lo?*

6. *E virá um decreto dos escalões mais elevados determinando que 12 criminosos serão escolhidos para compartilhar o sangue do Zero, tornando-se também demônios; e seus nomes serão como um nome, Babcock-Morrison-Chávez-Baffes-Turrell-Winston-Sosa-Echols-Lambright-Martínez-Reinhardt-Carter, chamados de os Doze.*

7. Mas também escolherei dentre vocês alguém que seja puro de coração e mente, uma criança para enfrentá-los, e mandarei um sinal para que todos saibam, e esse sinal será uma grande comoção de animais.

8. E esta era Amy, cujo nome é Amor: Amy das Almas, a Garota de Lugar Nenhum.

9. E o sinal surgiu no lugar chamado Memphis, as feras uivando, guinchando e trombeteando, e uma que viu foi Lacey, uma irmã aos olhos de Deus. E o SENHOR disse a Lacey:

10. Você também é escolhida, para ajudar e acompanhar Amy, para mostrar a ela o caminho. Aonde ela for, você também irá e sua jornada será difícil, durando muitas gerações.

11. Você será como mãe para a criança que eu entreguei para curar o mundo partido; pois dentro dela construirei uma arca para carregar os espíritos dos justos.

12. E assim fez Lacey, segundo tudo o que Deus lhe ordenou, assim ela fez.

CAPÍTULO DOIS

1. E aconteceu que Amy foi levada ao Colorado para ser cativa de homens maus, pois naquele lugar o Zero e os Doze residiam acorrentados e os captores de Amy pretendiam que ela se tornasse um deles, juntando-se a eles na mente.

2. E lá foi dado a ela o sangue do Zero e ela caiu num desmaio parecido com a morte, mas não morreu nem adquiriu uma forma monstruosa, pois não era o desígnio de Deus que uma coisa dessas acontecesse.

3. E nesse estado Amy permaneceu durante um período de dias, até que ocorreu grande calamidade, enorme a ponto de haver um Tempo de Antes e um Tempo de Depois, pois os Doze escaparam e o Zero também, desatrelando a morte sobre a Terra.

4. Mas um homem ficou amigo de Amy e sentiu pena dela, e roubou-a daquele lugar. E esse era Wolgast, um homem justo em sua geração, amado por Deus.

5. E juntos Amy e Wolgast foram até o Oregon, no coração das montanhas, e lá habitaram no tempo conhecido como o Ano Zero.

6. Pois nesse tempo os Doze assolaram a face do mundo com sua grande fome, matando todas as espécies, e os que não os alimentavam eram tomados, juntando-se a eles na mente. E desse modo os Doze foram multiplicados por milhões, para formar as doze tribos virais, cada uma com seus Muitos, que percorriam a Terra sem nome nem memória, levando a devastação a todas as coisas vivas.

7. Assim passaram as estações e Wolgast tornou-se como um pai para Amy, que não tinha pai, assim como ele não tinha filhos, e do mesmo modo ele a amava e ela o amava.

8. E Wolgast viu também que Amy não era como ele, nem como qualquer pessoa viva sobre a Terra, pois não envelhecia nem sofria dor, nem buscava alimentação ou descanso. E Wolgast temia o que seria feito dela quando ele se fosse.

9. E aconteceu que chegou a eles um homem vindo de Seattle e Wolgast o matou para que o homem não se tornasse um demônio junto deles. Pois o mundo havia se transformado num lugar de monstros, sem ninguém vivo além deles.

10. E desse modo permaneceram como pai e filha, cada um cuidando do outro, até uma noite em que uma luz ofuscante preencheu o céu, forte demais para se olhar, e de manhã o ar estava imundo com um odor fétido e cinzas caíam sobre todas as superfícies.

11. Pois a luz era a luz da morte, que fez Wolgast adoecer com uma moléstia letal. E Wolgast deixou de existir, ficando Amy a percorrer sozinha a Terra devastada, sem ter ninguém além dos virais como companhia.

12. E assim o tempo passou, quatro vintenas e mais 12 anos, no total.

CAPÍTULO TRÊS

1. E foi assim que, no nonagésimo ano de sua vida na Califórnia, Amy encontrou uma cidade, e era a Primeira Colônia, quatro vintenas e mais 10 almas residindo dentro dos muros, descendentes das crianças que haviam chegado da Filadélfia no Tempo de Antes.

2. Mas ao ver Amy as pessoas ficaram amedrontadas, pois não sabiam de nada do mundo, e muitas palavras foram ditas contra ela, e ela foi aprisionada; e muita confusão ocorreu, tanto que ela foi obrigada a fugir na companhia de outros.

3. E esses foram Peter, Alicia, Sara, Michael, Hollis, Theo, Mausami e Cano Longo, oito no total. Cada um deles tinha uma causa justa no coração e todos desejavam ver o mundo fora da cidade onde residiam.

4. E dentre eles Peter era o primeiro no nome, e Alicia a segunda, e Sara a terceira, e Michael o quarto; do mesmo modo os outros eram abençoados aos olhos de Deus.

5. E juntos deixaram aquele lugar sob o manto da escuridão para descobrir o segredo da ruína do mundo, no Colorado, uma jornada de meio ano pelo ermo, suportando muitas tribulações, a maior de todas sendo o Refúgio.

6. Pois em Las Vegas foram levados como cativos diante de Babcock, o Primeiro dos Doze; pois os habitantes daquela cidade eram escravos de Babcock e seus Muitos e sacrificavam um dos seus a cada lua nova, para que pudessem viver.

7. E Amy e os outros foram postos no local do sacrifício e travaram batalha com Babcock, que era terrível de se olhar, e muitas vidas se perderam. E juntos fugiram daquele lugar para não morrerem também.

8. E um dentre eles caiu, que era o rapaz Cano Longo, e Amy e seus companheiros o sepultaram, marcando aquele ponto como um local de lembrança.

9. E grande sofrimento baixou sobre eles, pois Cano Longo era o mais amado de todos, mas eles não podiam se demorar, pois Babcock e seus Muitos os perseguiram.

10. E depois de mais tempo se passar, Amy e seus amigos chegaram a uma casa intocada pelo tempo, pois Deus a abençoara, tornando-a terreno sagrado. E esse local foi a fazenda. E ali descansaram em segurança, sete dias no total.

11. Mas dois dentre eles optaram por ficar naquele lugar, pois a mulher carregava uma criança no ventre. E essa criança nasceria Caleb, amado por Deus.

12. Assim, os outros continuaram, enquanto dois ficavam para trás.

CAPÍTULO QUATRO

1. E aconteceu que Amy e seus amigos caminharam pelos dias e noites até o Colorado, onde chegaram à companhia de soldados, cinco vintenas no total. E esses eram conhecidos como os Expedicionários, do Texas.

2. Pois o Texas era naquele tempo um local de refúgio na Terra e os soldados tinham viajado até longe para lutar contra os virais, cada um deles com a promessa de morrer pelos companheiros.

3. E uma dentre eles optou por se juntar às fileiras, tornando-se soldado dos Expedicionários, e esta foi Alicia, que seria chamada de Alicia das Facas. E por sua vez, um dos soldados optou por juntar-se a eles, e este foi Lucius, o Fiel.

4. E lá eles teriam se demorado, mas o inverno se aproximava e ainda que quatro deles desejassem viajar com os soldados até o Texas, Amy e Peter optaram por continuar sozinhos.

5. E aconteceu que os dois chegaram ao lugar onde Amy fora feita, e ali, sobre o pico mais alto, avistaram um Anjo do SENHOR. E o Anjo disse a Amy:

6. Não tema, pois sou a mesma Lacey que você recorda. Aqui esperei através das gerações para lhe mostrar o caminho e para mostrá-lo também a Peter, pois ele é o Homem dos Dias, escolhido para ficar com você.

7. Pois como aconteceu no tempo de Noé, Deus em seu desígnio forneceu um grande navio para cruzar as águas da destruição e este navio é Amy. E será Peter quem guiará seus companheiros a um local de terra seca.

8. Portanto o SENHOR tornará inteiro o que está partido e levará consolo ao espírito dos justos. E isso será conhecido como A Passagem.

9. E o anjo Lacey invocou Babcock, o Primeiro dos Doze, a sair da escuridão e houve grande batalha. E com uma explosão de luz Lacey o matou, lançando seu próprio espírito para o SENHOR.

10. E assim os Muitos de Babcock foram libertados dele e assim se recordaram das pessoas que haviam sido no Tempo de Antes: homem e mulher, marido e esposa, pai e filho.

11. E Amy andou entre eles, abençoando um de cada vez, pois era o desígnio de Deus que ela fosse o vaso que carregaria suas almas através da longa noite do esquecimento. E depois disso seus espíritos partiram da Terra e eles morreram.

12. E deste modo Amy e seus companheiros descobriram o que havia diante deles, ainda que o caminho fosse íngreme e só estivesse começando.

PARTE I

O FANTASMA

Verão de 97 D.V.
Cinco anos depois da queda da
Primeira Colônia

*Lembre-se de mim quando eu partir,
Quando partir para a terra silenciosa.*

– CHRISTINA ROSSETTI
“Lembre-se”

UM

Orfanato da Ordem das Irmãs. Kerrville, Texas

Tarde da noite, depois do jantar, da oração e do banho, se fosse noite de banho, e depois das últimas negociações para concluir o dia (*Por favor, irmã, a gente não pode ficar mais um pouquinho? Por favor, mais uma história?*), quando as crianças haviam finalmente adormecido e tudo estava muito silencioso, Amy as observava. Não havia regra contra isso e todas as irmãs haviam se acostumado com suas perambulações noturnas. Movia-se como uma aparição, indo de um cômodo silencioso a outro, deslizando pelas fileiras de camas onde estavam as crianças, com rostos e corpos adormecidos num repouso cheio de confiança. As mais velhas tinham 13 anos, à beira da idade adulta, as mais novas eram apenas bebês. Cada uma vinha com uma história, sempre triste. Muitas eram terceiros filhos deixados no orfanato pelos pais que não podiam pagar o imposto, outras eram vítimas de circunstâncias ainda mais cruéis: mães mortas ao dar à luz ou então solteiras e incapazes de suportar a vergonha, pais que desapareciam nos subterrâneos sombrios da cidade ou eram levados para fora do muro. As origens das crianças eram variadas, contudo seus destinos eram iguais. As meninas entrariam para a Ordem, dedicando os dias à oração, à contemplação e ao cuidado de crianças iguais às que elas próprias haviam sido, ao passo que os meninos se tornariam soldados, membros dos Expedicionários, fazendo um juramento de natureza diferente mas não menos inquebrável.

Mas nos sonhos elas eram crianças – ainda eram crianças, pensou Amy. Sua própria infância era uma lembrança tremendamente distante, uma abstração da história, e no entanto, ao olhar as crianças adormecidas, com sonhos saltitando pacíficos nos olhos sonolentos, ela sentia-se mais perto daquilo: de um tempo em que ela própria não passava de um ser pequenino no mundo, inocente do que havia adiante, da jornada longa demais de sua vida. O tempo era uma vastidão dentro dela, tantos anos que era difícil diferenciar cada um. E talvez por esse motivo ela perambulasse no meio delas: fazia isso para lembrar.

Era a cama de Caleb que ela deixava para o final, porque ele estaria esperando por ela. O bebê Caleb, mesmo não sendo mais um bebê, e sim um menino de 5 anos, rijo e enérgico como todas as crianças, cheio de surpresas, humor e verdades espantosas. Da mãe havia recebido os maldades altos e esculpidos e a pele azeitonada

de seu clã; do pai, o olhar obstinado, a especulação sombria e o cabelo preto e crespo, cortado curto, que no jargão familiar da Colônia era chamado de “cabelo de Jaxon”. Um amálgama físico, como um quebra-cabeça montado com as peças de sua tribo. Nos olhos dele Amy os via. Ele era Mausami, era Teo, era só ele mesmo.

– Fale sobre eles.

Sempre, a cada noite, o mesmo ritual. Era como se o menino não conseguisse dormir sem revisitar um passado do qual não tinha lembrança. Amy assumia a posição de sempre na beira da cama. Sob as cobertas, a forma do corpo esguio de menininho mal parecia uma presença; ao redor deles, 20 crianças adormecidas, um coro de silêncio.

– Bom – começou ela em voz baixinha. – Vejamos. Sua mãe era muito linda.

– Uma guerreira.

– É – respondeu Amy com um sorriso. – Uma guerreira linda. Com cabelo comprido preso por uma faixa de guerreira.

– Para ela poder usar o arco.

– Correto. Mas acima de tudo ela era cabeça-dura. Sabe o que isso significa? Ser cabeça-dura? Eu já disse antes.

– Teimosa?

– É. Mas de um jeito bom. Se eu mandar você lavar as mãos antes de jantar e você se recusar, não é tão bom. É o jeito errado de ser teimoso. O que estou dizendo é que sua mãe sempre fazia o que acreditava que era certo.

– Foi por isso que ela me teve. – Ele se concentrou nas palavras. – Porque era... a coisa certa trazer uma luz para o mundo.

– Que bom. Você lembra. Sempre se lembre de que você é uma luz forte, Caleb. Uma felicidade quente surgiu no rosto do menino.

– Agora me conte sobre Teo. Meu pai.

– Seu pai?

– *Por favoooooor.*

Ela riu.

– Tudo bem. O seu pai. Em primeiro lugar, ele era muito corajoso. Era um homem corajoso. Amava muito a sua mãe.

– Mas era triste.

– Verdade, ele era triste. Mas era isso que fazia com que fosse tão corajoso, veja bem. Porque ele fez a coisa mais corajosa de todas. Sabe o quê?

– Ter esperança.

– É. Ter esperança quando parece não existir nenhuma. Você deve sempre se lembrar disso também. – Ela se inclinou e beijou a testa dele, úmida de calor infantil. – Agora é tarde. É hora de dormir. Amanhã será outro dia.

– Eles... me amavam?

Amy ficou pasma. Não pela pergunta – ele havia perguntado isso em diversas ocasiões, buscando a confirmação –, mas pelo tom inseguro.

– Claro, Caleb. Eu já disse muitas vezes. Eles te amavam muito. Ainda amam.

– Porque estão no céu.

– Isso mesmo.

– Onde todo mundo fica junto para sempre. É o lugar para onde a alma vai. – Ele desviou o olhar. Depois: – Dizem que você é muito velha.

– Quem diz isso, Caleb?

– Não sei. – Envolto em seu casulo de cobertas, ele deu de ombros bem de leve.

– Todo mundo. As outras irmãs. Eu ouço quando falam.

Este não era um assunto que surgira antes. Para Amy, apenas a irmã Peg conhecia a história.

– Bom – disse ela, juntando os pensamentos –, sou mais velha do que você, isso eu garanto. Mais velha o bastante para dizer que é hora de dormir.

– Às vezes eu vejo eles.

Essa observação a pegou desprevenida.

– Caleb? Como você os vê?

Mas o menino não estava olhando para ela, tinha voltado a visão para dentro.

– À noite. Quando estou dormindo.

– Quer dizer, quando está sonhando.

O garoto não tinha resposta para isso. Ela tocou seu braço por sobre as cobertas.

– Tudo bem, Caleb. Pode me contar quando estiver preparado.

– Não é a mesma coisa. Não é igual a um sonho. – Ele se virou para encará-la.

– Vejo você também, Amy.

– Eu?

– Mas você é diferente. Não é como está agora.

Ela esperou que ele falasse mais, porém ele não falou. Diferente como?

– Sinto falta deles – disse o menino.

Ela assentiu, contente em deixar o assunto de lado por enquanto.

– Sei que sente. E você vai vê-los de novo. Mas agora você tem a mim. Tem o seu tio Peter. Ele vem para casa logo, você sabe.

– Com os... Expe... dichonários. – Um ar de determinação reluziu no rosto do menino. – Quando eu crescer quero ser soldado igual ao tio Peter.

Amy beijou sua testa de novo, levantando-se.

– Se é isso que você quer ser, é o que vai ser. Agora durma.

– Amy?

– Sim, Caleb?

– Alguém amou você assim?

Parada junto à cama do menino, as lembranças a varreram. Uma noite de primavera e um carrossel girando, um gosto de açúcar salpicado, um lago e um chalé na floresta e a sensação daquela mão grande segurando a sua. Lágrimas tomaram sua garganta.

– Acho que sim. Espero que sim.

– O tio Peter ama?

Ela franziu a testa, espantada.

– Por que pergunta isso, Caleb?

– Não sei. – Outro dar de ombros, levemente sem graça. – Pelo modo como ele olha para você. Ele fica sempre sorrindo.

– Bom. – Ela se esforçou para não demonstrar nada. – Acho que ele sorri porque fica feliz em ver você. Agora durma. Promete?

Ele protestou com os olhos.

– Prometo.

Lá fora as luzes jorravam para baixo: não era uma claridade tão absoluta como na Colônia – Kerrville era grande demais para isso –, e sim uma espécie de crepúsculo permanente, iluminado nas bordas e com uma coroa de estrelas no alto. Amy se esgueirou para fora do pátio, mantendo-se nas sombras. Localizou a escada na base do muro e não fez nenhum esforço para se esconder na subida. No topo foi recebida pela sentinela, um homem de meia-idade e ombros largos, com um fuzil atravessado diante do peito.

– O que você acha que está fazendo?

Mas foi só isso que ele disse. Enquanto o sono o dominava, Amy o colocou sentado na passarela, apoiando-o na mureta com o fuzil atravessado no colo. Quando ele acordasse teria apenas uma lembrança fragmentada, alucinatória. Uma garota? Uma das irmãs, usando a áspera túnica cinza da Ordem? Talvez ele não acordasse sozinho e fosse encontrado pelos companheiros e levado embora por ter dormido no posto. Passaria alguns dias na cadeia militar, mas seria só isso, e de qualquer modo ninguém acreditaria nele.

Desceu pela passarela até a plataforma de observação, vazia. As patrulhas passavam a cada 10 minutos; ela só teria esse tempo. As luzes jorravam no chão abaixo como líquido brilhante. Fechando os olhos, Amy limpou a mente e direcionou os pensamentos para fora, lançando-os por sobre o campo.

– Venham a mim.

– Venham a mim venham a mim venham a mim.

Eles vieram, deslizando da escuridão. Primeiro um e depois outro e outro, formando uma falange reluzente e se agachando na borda das sombras. E em sua mente ela escutava vozes, sempre as vozes, as vozes e a pergunta.

Quem sou eu?

Ela esperou.

Quem sou eu quem sou eu quem sou eu?

Como Amy sentia sua falta! Wolgast, o que a havia amado. Onde você está?, pensou, com o coração doendo de solidão, porque noite após noite, enquanto percebia essa coisa nova acontecendo por dentro, sentia sua ausência intensamente. Por que me deixou sozinha? Mas Wolgast não estava em lugar nenhum, nem no vento nem no sol, nem no som do giro lento da Terra. O homem que ele fora havia partido.

Quem sou eu quem sou eu quem sou eu quem sou eu quem sou eu?

Ela esperou pelo máximo de tempo possível. Os minutos corriam. Então ouviu passos na passarela, chegando mais perto: a sentinela.

– Vocês são eu – disse a eles. – Vocês são eu. Agora vão.

Eles se espalharam no escuro.

DOIS

122 quilômetros ao sul de Roswell, Novo México

Numa noite quente de setembro, a muitos quilômetros e muitas semanas de casa, a tenente Alicia Donadio – Alicia das Facas, a Coisa Nova, filha do grande Niles Coffee e atiradora de elite do Segundo Batalhão das Forças Expedicionárias do Exército da República do Texas, batizada e jurada – acordou com o gosto de sangue no vento.

Tinha 27 anos, 1,69m, ombros e quadril robustos, cabelo ruivo cortado rente. Os olhos, que um dia tinham sido apenas azuis, reluziam com um tom laranja, como carvões em brasa. Viajava com pouca bagagem, nada era desperdiçado. Pés enfiados em sandálias de lona com sola de borracha vulcanizada, calça de brim gasta nos joelhos e nos fundilhos, uma blusa de malha com as mangas cortadas

para dar velocidade. Entrecruzado no tronco, usava um par de bandoleiras de couro com seis lâminas de aço embainhadas – sua marca registrada. Às costas, pendurada numa corda de cânhamo forte, trazia sua besta. Uma Browning calibre 45 semiautomática com pente de nove balas, sua arma de último recurso, estava num coldre preso à coxa.

Oito e uma, era o ditado. Oito para os virais, uma para você mesmo. Oito e uma, e pronto.

A cidade se chamava Carlsbad. Os anos tinham feito seu serviço, varrendo-a como uma vassoura gigantesca. Mas algumas estruturas permaneciam: cascas vazias de casas, barracões enferrujados, as provas calmas e arruinadas da passagem do tempo. Durante o dia ela descansara à sombra de um posto de gasolina cujo teto de metal de algum modo ainda estava firme, acordando ao crepúsculo para caçar. Pôs o coelho na mira, um tiro na garganta, depois tirou a pele e assou-o numa fogueira de algaroba, tirando a carne fibrosa das patas enquanto o fogo estalava.

Não estava com pressa.

Era uma mulher de regras, rituais. Não matava os virais enquanto eles dormiam. Não usava uma arma de fogo se pudesse evitar: armas de fogo eram barulhentas, desajeitadas e indignas da tarefa. Ela os matava com a faca, rapidamente, ou com a besta, de modo limpo e sem arrependimento, e sempre com uma bênção de misericórdia no coração. Dizia: “Mando vocês para casa, irmãos e irmãs. Liberto-os da prisão de sua existência.”

E, quando a matança acabava e ela havia tirado a arma de sua moradia letal, encostava o cabo primeiro na testa e depois no peito – na cabeça e no coração –, consagrando a liberdade das criaturas com a esperança de que, quando o dia chegasse, sua coragem não falharia e ela própria seria libertada.

Esperou que a noite chegasse, apagou as chamas da fogueira e partiu.

Durante dias estivera seguindo por uma larga planície de arbustos baixos. Ao sul e a oeste erguiam-se as formas sombreadas de montanhas com os ombros se encolhendo para longe do chão do vale. Se Alicia tivesse visto o mar, poderia ter pensado: este lugar é isso, o mar, o fundo de um grande oceano. E as montanhas, furadas por cavernas, imobilizadas no tempo, eram os restos de um recife gigantesco de um tempo em que monstros inimagináveis haviam percorrido a terra e as ondas.

Onde vocês estão esta noite?, pensou. *Onde estão escondidos, irmãos e irmãs de sangue?*

Ela era uma mulher de três vidas, duas antes e uma depois. Na primeira havia sido apenas uma menininha. O mundo era todo feito de figuras espreitando e

luzes piscando. Aquilo a atravessava como uma brisa no cabelo, sem lhe dizer nada. Tinha 8 anos na noite em que o Coronel a levava para fora dos muros da Colônia deixando-a sem nada, nem mesmo uma faca. Ficou sentada sob uma árvore e chorou a noite toda e, quando o sol da manhã a encontrou, estava diferente, mudada: a garota que ela havia sido desaparecera. Você entende?, perguntou o Coronel ajoelhado diante dela, que estava sentada na poeira. Ele não iria abraçá-la para dar conforto, mas a encarou como a um soldado. Entende agora? E ela entendia. Entendia. Sua vida, o magro acidente de sua existência, não significava nada; ela havia aberto mão da vida. Naquele dia fez o juramento.

Mas isso era um passado distante. Ela era uma criança, depois uma mulher, e depois, o quê? A terceira Alicia, a Coisa Nova, nem viral nem humana, mas de algum modo ambos. Um amálgama, um composto, um ser à parte. Viajava entre os virais como um espírito invisível, parte deles, mas ao mesmo tempo não, um fantasma para fantasmas. Em suas veias estava o vírus, mas equilibrado por um segundo, tirado de Amy, a Garota de Lugar Nenhum: um dos 12 frascos do laboratório do Colorado – os outros foram destruídos pela própria Amy, lançados nas chamas. O sangue de Amy salvara sua vida, mas de certo modo não salvara. Tornando-a – a tenente Alicia Donadio, atiradora de elite dos Expedicionários – o único ser como ela própria em todo o mundo dos vivos.

Houve ocasiões, muitas ocasiões, o tempo todo, em que a própria Alicia não poderia dizer exatamente o que ela era.

Chegou a um barracão. Um negócio cheio de furos e meio arrebitado, meio enterrado na areia, com teto de metal inclinado.

Ela... *sentiu* alguma coisa.

Foi estranho, algo que jamais acontecera. O vírus não lhe dera esse poder, que era somente de Amy. Alicia era o yin do yang de Amy, dotada da força física e da velocidade dos virais, mas desconectada da teia invisível que os unia, pensamento a pensamento.

E, no entanto, ela não... *sentiu* alguma coisa? Não *os* sentiu? Um arrepio na nuca e em sua mente um farfalhar baixinho, levemente reconhecível em palavras:

Quem sou eu? Quem sou eu quem sou eu quem sou eu quem sou eu?

Eram três. Todos tinham sido mulheres, um dia. E mais ainda: Alicia sentia – como era possível? – que em cada uma havia um único cerne de memória. Uma mão fechando uma janela e o som de chuva. Um pássaro multicolorido cantando numa gaiola. Uma sala escura e duas crianças vistas de uma porta, um menino e uma menina, dormindo na cama. Alicia recebeu cada uma dessas visões como se fossem suas, as cores, os sons, os cheiros e as emoções, uma mescla

de pura existência como três fogueiras minúsculas chamejando dentro dela. Por um momento ficou prisioneira daquilo, num espanto mudo com relação a elas, aquelas lembranças de um mundo perdido. O mundo do Tempo de Antes.

Mas outra coisa, também: envolvendo cada uma dessas lembranças havia uma mortalha de escuridão, vasta e implacável, que fez Alicia estremecer até o âmago. Alicia imaginou o que seria aquilo, mas então soube: era o sonho daquele que se chamava Martínez. Julio Martínez, de El Paso, Texas, o Décimo dos Doze, condenado à morte pelo assassinato de um policial. Aquele que Alicia viera encontrar.

No sonho de Martínez ele estava para sempre estuprando uma mulher chamada Louise – o nome estava escrito em letras ornamentadas no bolso da blusa da mulher – ao mesmo tempo que a estrangulava com um fio elétrico.

A porta do barracão pendia torta das dobradiças enferrujadas. Era um local apertado: Alicia preferiria mais espaço, principalmente com três. Esgueirou-se adiante, seguindo a ponta da besta, e entrou no barracão.

Dois virais estavam suspensos de cabeça para baixo nos caibros. O terceiro, agachado num canto, devorava um pedaço de carne com um som chupado. Tinham acabado de se alimentar do antílope, cujos restos ressecados estavam caídos aos pedaços no chão: tufo de pelos, ossos e pele. Tontos depois de se alimentarem, os virais não notaram sua entrada.

– Boa noite, senhoras.

Acertou a primeira, nos caibros, com a besta. Uma pancada e um guincho, interrompido abruptamente, e o corpo despencou no chão. Os outros dois estavam se levantando agora; o segundo soltou-se do caibro, juntou os joelhos no peito e deu um giro na descida, pousando virado para o outro lado sobre os pés com garras. Alicia largou a besta, desembainhou uma faca e, num movimento fluido, atirou-a girando contra o terceiro, que havia se levantado para encará-la.

Dois mortos, faltava um.

Deveria ter sido fácil. De repente não era. Enquanto Alicia desembainhava uma segunda faca, o último viral se virou e acertou sua mão com uma força que fez a arma voar espiralando no escuro. Antes que a criatura pudesse dar outro golpe, Alicia se jogou no chão e rolou para longe. Quando se levantou, com outra faca na mão, o viral havia sumido.

Merda.

Pegou a besta no chão, colocou uma seta nova e correu para fora. Onde, diabos, ele estava? Dois passos rápidos e Alicia se lançou no telhado do barracão, pousando com um ruído. Examinou rapidamente a paisagem. Nada, nenhum sinal.

De repente o viral estava atrás dela. Era uma armadilha, percebeu Alicia: ele devia ter se escondido, deitado na parte mais distante do telhado. Duas coisas aconteceram ao mesmo tempo: Alicia girou, apontando a besta instintivamente, e, com um som de madeira lascando e metal rasgando, o telhado cedeu embaixo dela.

Caiu de barriga para cima no piso do barracão, com o viral despencando sobre ela. Sua besta havia sumido. Alicia teria desembainhado uma faca, mas agora suas duas mãos estavam ocupadas na tentativa de manter o braço do viral a distância ao mesmo tempo que se desviava dos dentes dele. Esquerda e direita e esquerda de novo, a criatura projetava o rosto rapidamente, as mandíbulas se fechando na direção da curva do pescoço de Alicia. Uma força imponente versus um objeto impossível de ser movido: quanto tempo isso poderia demorar? As crianças nas camas, pensou Alicia. É quem era esse. Ela era a mulher que olhava seus filhos adormecidos. Pense nas crianças, pensou Alicia, e então disse:

– *Pense nas crianças.*

O viral se imobilizou. Uma expressão pesarosa surgiu em seu rosto. Por um brevíssimo instante – não mais de meio segundo –, os olhos das duas se encontraram e se sustentaram na escuridão. Mary, pensou Alicia. Seu nome era Mary. Sua mão estava indo para a faca. *Eu mando você para casa, irmã, Mary*, pensou Alicia. *Eu a liberto da prisão de sua existência.* E com um golpe para cima cravou a lâmina, da ponta ao cabo, no ponto frágil.

Alicia rolou o cadáver para longe. Os outros estavam onde haviam caído. Recolheu a faca e a seta dos dois primeiros, limpou-os, em seguida se ajoelhou junto ao corpo do último. Depois da matança Alicia geralmente não sentia nada além de um vazio indefinido; agora se surpreendia descobrindo que suas mãos tremiam. Como ela soubera? Porque soubera, com clareza absoluta, que o nome da mulher era Mary.

Soltou a lâmina, encostou-a na cabeça e no coração. *Obrigada, Mary, por não me matar antes de meu trabalho estar terminado. Espero que agora você esteja com seus pequeninos.*

Os olhos de Mary estavam abertos, olhando para o nada. Alicia os fechou com as pontas dos dedos. Não seria bom deixá-la ali. Alicia pegou o corpo nos braços e o levou para fora. Um halo havia surgido em volta da lua, lavando a paisagem com sua claridade, uma escuridão visível. Mas não era do luar que Mary precisava. Cem anos de céu noturno eram suficientes, pensou Alicia, e pôs a mulher num trecho de terreno aberto onde, de manhã, o sol iria encontrá-la e lançar suas cinzas ao vento.

Alicia tinha começado a subir.

Uma noite e um dia haviam se passado. Agora estava nas montanhas, ascendendo por um leito de rio seco através de um desfiladeiro estreito. A sensação dos virais estava mais forte: ela ia na direção de alguma coisa. Mary, pensou, o que você estava tentando me dizer?

Era quase de manhã quando chegou ao topo da serra, com o horizonte saltando para longe. Abaixo, no negrume varrido pelo vento, o solo do vale se desdobrava, tendo por companhia nada além das estrelas. Alicia sabia que era possível identificar figuras – a partir de seu arranjo aparentemente arbitrário –, formas de pessoas e animais –, porém jamais aprendera a fazer isso. Para ela as estrelas eram apenas coisas espalhadas aleatoriamente, como se cada noite elas fossem jogadas de novo no céu.

Então viu: uma bocarra de escuridão escancarada, posta numa depressão parecida com uma tigela. A abertura teria uns 30 metros de altura ou mais. Bancos curvos, como num anfiteatro, esculpido na face rochosa da montanha, situavam-se na boca da caverna. Morcegos adejavam no céu.

Era uma porta para o inferno.

Você está aí, não é?, pensou Alicia, e sorriu. *Seu filho da puta, encontrei você.*

PARTE II

O FAMILIAR

Primavera
Ano Zero

*Esta é a hora enfeitada da noite,
Quando os túmulos bocejam e o próprio inferno exala
Contágio neste mundo.*

– William SHAKESPEARE
Hamlet

TRÊS

Departamento de Polícia de Denver

Dossiê nº 193874

Sexto Distrito

Transcrição do interrogatório de Lila Beatrice Kyle

Interrogador: Detetive Rita Chernow

3 de maio, 4h17

RC: Que seja registrado que a interrogada foi informada de seus direitos e recusou a presença de um advogado. O interrogatório foi realizado pela detetive Rita Chernow, Departamento de Polícia de Denver, Sexto Distrito. São 4 horas e 17 minutos da madrugada. Dra. Kyle, poderia, por favor, dizer seu nome completo?

LK: Lila Beatrice Kyle.

RC: E a senhora é cirurgiã ortopédica do Hospital Geral de Denver, correto?

LK: Sim.

RC: E sabe por que está aqui?

LK: Aconteceu alguma coisa no hospital. A senhora queria me fazer algumas perguntas. Que sala é esta? Não conheço.

RC: Estamos na delegacia, Dra. Kyle.

LK: Eu estou encarcerada?

RC: Nós conversamos sobre isso, lembra? Só estamos tentando descobrir o que aconteceu esta noite na emergência. Sei que a senhora está nervosa. Não vou fazer muitas perguntas

LK: Estou suja de sangue. Por que estou suja de sangue?

RC: A senhora se lembra do que aconteceu na emergência, Dra. Kyle?

LK: Estou cansada demais. Por que estou tão cansada?

RC: Podemos lhe oferecer alguma coisa? Café, talvez?

LK: Não posso beber café. Estou grávida.

RC: Água, então? Que tal um pouco d'água?

LK: Está bem.

(Interrupção.)

RC: Vamos começar do início. A senhora estava na emergência esta noite, certo?

LK: Não, eu estava no andar de cima.

RC: Mas desceu até a emergência?

LK: Desci.

RC: A que horas?

LK: Não sei bem. Por volta da uma da madrugada. Passaram um bipe para mim.

RC: Por que passaram um bipe?

LK: Eu era a ortopedista de plantão. Tinha um paciente com o pulso quebrado.

RC: E esse paciente era o Sr. Letourneau?

LK: Acho que era, sim.

RC: O que mais disseram sobre ele?

LK: Quer dizer, antes que eu descesse?

RC: É.

LK: Que ele tinha sido mordido por algum animal.

RC: Como um cachorro?

LK: Acho que sim. Não disseram.

RC: Mais alguma coisa?

LK: Ele estava com febre alta. Tinha vomitado.

RC: E foi só isso que lhe disseram?

LK: Foi.

RC: E o que a senhora viu quando chegou à emergência?

LK: Ele estava na terceira cama. Só havia dois outros pacientes. Geralmente as coisas são calmas no domingo.

RC: A que horas foi isso?

LK: Uma e quinze, uma e meia.

RC: E a senhora examinou o Sr. Letourneau?

LK: Não.

RC: Deixe-me perguntar de outro modo. A senhora viu o paciente?
(Pausa.)

RC: Doutora Kyle?

LK: Desculpe, qual foi a pergunta?

RC: A senhora viu o Sr. Letourneau esta noite na emergência?

LK: Vi. Mark também estava lá.

RC: Está se referindo ao Dr. Mark Shin?

LK: Ele é que estava atendendo. A senhora falou com ele?

RC: O Dr. Shin está morto, Dra. Kyle. Ele foi uma das vítimas.

LK: (inaudível)

RC: Poderia falar mais alto, por favor?

LK: Eu só... eu não sei. Desculpe, o que a senhora queria saber?

RC: O que a senhora pode dizer sobre o Sr. Letourneau? Como ele estava?

LK: Estava?

RC: É. Estava acordado?

LK: Estava acordado.

RC: O que mais a senhora observou?

LK: Ele estava desorientado. Agitado. Tinha uma cor estranha.

RC: Como assim?

(Pausa.)

LK: Preciso ir ao banheiro.

RC: Só vamos fazer mais algumas perguntas. Sei que a senhora está cansada.

Prometo que vou tirá-la daqui o mais rápido possível.

LK: A senhora tem filhos, detetive Chernow?

RC: Como?

LK: A senhora tem filhos? Só fiquei curiosa.

RC: Tenho. Dois meninos.

LK: Qual a idade? Se não se incomoda que eu pergunte.

RC: Eles têm 5 e 7 anos. Só preciso lhe perguntar mais algumas coisas. A senhora acha que consegue responder?

LK: Mas aposto que a senhora vai tentar uma menina, não vai? Acredite, não existe nada como uma menininha.

RC: Vamos nos concentrar no Sr. Letourneau por enquanto, está bem? A senhora disse que ele estava agitado. Pode ser mais específica?

LK: Específica?

RC: É. O que ele fez?

LK: Estava fazendo um barulho esquisito.

RC: Pode descrever?

LK: Um estalo. Na garganta. Estava gemendo. Parecia sentir muita dor.

RC: Tinham dado a ele algum medicamento para dor?

LK: Tinham dado Tramadol. Acho que foi Tramadol.

RC: Quem mais estava lá, além do Dr. Shin?

(Pausa.)

RC: Doutora Kyle? Quem mais estava lá quando a senhora examinou o Sr. Letourneau?

LK: Uma enfermeira. Estava tentando acalmá-lo. Ele estava muito perturbado.

RC: Mais alguém?

LK: Não lembro. Um auxiliar? Não, dois.

RC: O que aconteceu então?

LK: Ele começou a ter uma convulsão.

RC: O paciente teve uma convulsão?

LK: Teve.

RC: O que a senhora fez então?

LK: Onde está meu marido?

RC: Lá fora. Ele veio com a senhora. Não lembra?

LK: Brad está aqui?

RC: Desculpe. Quem é Brad?

LK: Meu marido. Brad Wolgast. Ele é do FBI. Talvez a senhora o conheça.

RC: Estou confusa, Dra. Kyle. O homem que veio com a senhora chama-se David Centre. Ele não é seu marido?

(Pausa.)

RC: Dra. Kyle? A senhora entendeu a pergunta?

LK: Claro que David é meu marido. Que pergunta mais esquisita! De onde veio todo esse sangue? Eu me acidentei?

RC: Não, Dra. Kyle. A senhora estava no hospital. Era disso que estávamos falando. Há três horas, nove pessoas foram mortas na emergência. Estamos tentando descobrir como isso aconteceu.

(Pausa.)

LK: A coisa olhou para mim. Por que a coisa olhou para mim?

RC: O que olhou para a senhora, Dra. Kyle?

LK: Foi horrível.

RC: O que foi horrível?

LK: A coisa matou primeiro a enfermeira. Havia muito sangue. Como um oceano.

RC: Está falando do Sr. Letourneau? Ele matou a enfermeira? Preciso que seja clara.

LK: Estou com sede. Posso tomar mais um pouco d'água?

RC: Daqui a pouco. Como o Sr. Letourneau matou a enfermeira?

LK: Foi tudo tão rápido. Como alguém pode se mover tão depressa?

RC: Preciso que a senhora se concentre, Dra. Kyle. O que o Sr. Letourneau usou para matar a enfermeira? Havia uma arma?

LK: Uma arma? Não me lembro de uma arma.

RC: Como ele fez isso, então?

(Pausa.)

RC: Dra. Kyle?

LK: Eu não conseguia me mexer. A coisa... olhou para mim.

RC: Alguma coisa olhou para a senhora? Havia mais alguém na sala?

LK: Ele usou a boca. Foi assim que ele fez.

RC: Está dizendo que o Sr. Letourneau mordeu a enfermeira?

(Pausa.)

LK: Eu estou grávida, sabe? Vou ter um bebê.

RC: Dá para ver, Dra. Kyle. Sei que isto é muito estressante.

LK: Preciso descansar. Quero ir para casa.

RC: Tentaremos tirá-la daqui o mais rápido que pudermos. Só para esclarecer, a senhora declara que o Sr. Letourneau mordeu a enfermeira?

LK: Ela está bem?

RC: Ela foi decapitada, Dra. Kyle. A senhora estava segurando o corpo quando a encontramos. Não se lembra?

LK: (inaudível)

RC: Pode falar mais alto, por favor?

LK: Não entendo o que a senhora quer. Por que está fazendo essas perguntas?

RC: Porque a senhora estava lá. A senhora é a única testemunha. A senhora viu nove pessoas morrerem esta noite. Elas foram esfaqueadas, Dra. Kyle.

LK: (inaudível)

RC: Dra. Kyle?

LK: Aqueles olhos. Foi como olhar o inferno. Como cair para sempre na escuridão. A senhora acredita no inferno, detetive?

RC: Olhos de quem?

LK: Aquilo não era humano. Não podia ser humano.

RC: Ainda está falando do Sr. Letourneau?

LK: Não posso pensar nisso. Preciso pensar no bebê.

RC: O que a senhora viu? Diga o que viu.

LK: Quero ir para casa. Não quero mais falar sobre isso. Não me obrigue.

RC: O que matou aquelas pessoas, Dra. Kyle?

(Pausa.)

RC: Dra. Kyle, a senhora está bem?

(Pausa.)

RC: Dra. Kyle?

(Pausa.)

RC: Dra. Kyle?

QUATRO

Bernard Kittridge, conhecido mundo afora como “A Última Resistência em Denver”, percebeu que era hora de partir na manhã em que a energia acabou.

Imaginou por que isso havia demorado tanto. Não era possível manter funcionando uma rede de energia elétrica municipal sem pessoas para fazer a manutenção e, pelo que Kittridge podia ver do 19º andar, não restava nenhum ser humano vivo na cidade de Denver.

O que não queria dizer que ele estivesse sozinho.

Passara as primeiras horas da manhã – uma manhã luminosa da primeira semana de junho, com a temperatura a 20 e poucos graus e chance de monstros sugadores de sangue chegarem ao crepúsculo – tomando sol na varanda da cobertura que havia ocupado desde a segunda semana da crise. Era um local gigantesco, como um palácio aéreo: só a cozinha era do tamanho do apartamento de Kittridge inteiro. O gosto do dono tendia para o austero: esguios grupos de estofados em couro que eram melhores de olhar do que de sentar, pisos de travertino cintilante, pequenos tapetes peludos, mesas de vidro que pareciam flutuar no espaço. Invadir a cobertura havia sido surpreendentemente fácil. Quando Kittridge tomou a decisão, metade da cidade estava morta, havia fugido ou desaparecido. Os policiais tinham ido embora muito antes. Ele havia pensado em se trancar numa das grandes casas lá em Cherry Creek, mas, a julgar pelas coisas que tinha visto, queria algum lugar alto. O dono da cobertura era um homem que ele conhecia, um cliente regular da loja. Seu nome era Warren Filo. Por sorte, Warren tinha ido à loja um dia antes de a coisa toda degingolar, querendo comprar material para uma viagem de caça ao Alasca.

Era um cara novo, jovem demais para ter tanto dinheiro – dinheiro de Wall Street, provavelmente, ou de um daqueles lançamentos de ações de alta tecnologia. Naquele dia, com o mundo ainda cantarolando animado como sempre, Kittridge havia ajudado Warren a carregar suas compras até o carro. Uma Ferrari, claro. Parado junto dela, Kittridge pensara: por que esse cara simplesmente não compra uma placa especial anunciando “BABACA 1”? A pergunta devia ter transparecido em seu rosto, porque nem bem isso lhe passou pela mente e Warren ficou vermelho e sem graça. Ele não estava usando terno como de costume: só jeans e

uma camiseta em cuja frente se lia ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO SLOAN. Ele quisera que Kittridge visse o carro, isso era óbvio, mas, quando isso acontecera, percebera como era idiota mostrar um veículo como aquele a um gerente de seção da Outdoor World, que provavelmente ganhava menos de 50 mil por ano. (O número na verdade era 46.) Kittridge deu um riso silencioso diante disso – as coisas que aquele garoto não sabia poderiam encher um livro – e permitiu que o momento se estendesse para deixar a situação clara. *Eu sei, eu sei* – confessou Warren. *É um pouco de exagero. Eu disse a mim mesmo que nunca seria um daqueles escrotos que dirigem uma Ferrari. Mas, juro por Deus, você deveria sentir o desempenho dela.*

Kittridge havia pegado o endereço de Warren na nota fiscal. Quando se mudou para ali – Warren provavelmente estava bem aconchegado e seguro no Alasca –, foi simplesmente uma questão de encontrar a chave certa na sala do zelador, colocar na fenda do painel do elevador e subir 19 andares até a cobertura. Descarregou seu equipamento. Uma mala com rodinhas cheia de roupas, três baús de armas, um rádio acionado a manivela, binóculo de visão noturna, sinalizadores, um kit de primeiros socorros, garrafas de água sanitária, um aparelho de solda elétrica para lacrar as portas do elevador, seu confiável laptop com a parabólica portátil, uma caixa de livros e comida e água suficientes para um mês. A vista da varanda, que seguia por toda a extensão do lado oeste do prédio, era de amplos 180 graus, dando para a rodovia I-25 e o estádio Mile High. Ele havia posicionado câmeras equipadas com sensores de movimento em cada extremidade da varanda, uma para vigiar a rua e uma segunda virada para o prédio do lado oposto da avenida. Achava que conseguiria muitas imagens desse modo, mas o bom seriam as matanças de verdade. A arma que escolhera para a tarefa era um Remington 700P de ação de alavanca, calibre 318 – um belo equilíbrio entre precisão e força de impacto, capaz de acertar na mosca a 300 metros de distância. Havia fixado nele uma mira de vídeo digital com infravermelho. Usando o binóculo, isolaria o alvo; o fuzil, montado num bipé na beira da varanda, faria o resto.

Na primeira noite, sem vento e iluminada por um quarto de lua, Kittridge havia atirado em sete: cinco na avenida, um no telhado oposto e mais um através da janela de um banco no nível da rua. Foi o último que o tornou famoso. A criatura, ou vampiro, ou o que quer que fosse – o termo oficial era “pessoa infectada” –, havia olhado direto para a lente logo antes de Kittridge enfiar uma bala no ponto frágil. Colocado no YouTube, o vídeo tinha viajado ao redor do globo em horas; de manhã todas as principais redes o haviam transmitido. Quem é esse homem?,

todo mundo queria saber. Quem é esse homem intrépido-louco-suicida, trancado num prédio alto em Denver, resistindo até o final?

E assim nascera o apelido: A Última Resistência em Denver.

Desde o início ele presumira que seria apenas uma questão de tempo até que alguém o derrubasse: alguém da CIA, da Agência de Segurança Nacional ou da Segurança Interna. Ele estava causando um tremendo agito. A seu favor havia o fato de que esse mesmo alguém teria de vir a Denver para fazer isso. O endereço de IP de Kittridge era praticamente impossível de ser rastreado, passando por uma corrente de servidores anônimos cuja ordem era misturada toda noite. A maioria ficava fora do país: Rússia, China, Indonésia, Israel, Sudão. Locais fora do alcance de qualquer agência federal que quisesse derrubá-lo. Seu videoblog – dois milhões de acessos no primeiro dia – tinha mais de 300 sites repetidores, e o número continuava a crescer. Não demorou uma semana até que ele se tornasse um verdadeiro fenômeno mundial. Twitter, Facebook, Headshot, Sphere: as imagens achavam o caminho para o mundo sem que ele precisasse mover um dedo. Somente um dos seus sites de fãs tinha mais de 4 milhões de seguidores. No eBay, camisetas que diziam *SOU A ÚLTIMA RESISTÊNCIA EM DENVER* vendiam como água.

Seu pai sempre dissera: “Filho, a coisa mais importante na vida é dar uma contribuição.” Quem pensaria que a contribuição de Kittridge seria um videoblog sobre o marco zero do apocalipse?

E no entanto o mundo continuava. O sol ainda brilhava. A oeste, as montanhas davam de ombros, indiferentes à partida do homem. Durante um tempo houvera muita fumaça – quarteirões inteiros incendiados até os alicerces –, mas agora ela havia se dissipado, revelando a desolação com clareza fantasmagórica. À noite, regiões de negrume escondiam a cidade, mas em outros locais as luzes ainda rebrilhavam no escuro – lâmpadas de rua tremeluzindo, postos de gasolina e lojas de conveniência com seus nítidos brilhos de neon, luzes de varandas deixadas acesas para o retorno dos donos. Enquanto Kittridge mantinha sua vigilância na varanda, um sinal de trânsito 19 andares abaixo ainda mudava obedientemente de verde para amarelo, depois para vermelho e verde de novo.

Ele não se sentia solitário. A solidão o abandonara havia muito tempo. Tinha 34 anos. Era um pouco mais pesado do que gostaria – com a perna que tinha, era difícil manter o peso ideal –, mas continuava forte. Tinha sido casado uma vez, muitos anos antes. Lembrava-se desse período de sua vida como 18 meses de bem-aventurança conjugal hipersexuada, seguidos por um número igual de meses de gritos e berros, acusações e contra-acusações, até que tudo afundou

como uma pedra. E ele ficou contente, no geral, porque não haviam tido filhos. Sua ligação com Denver não era sentimental nem pessoal; depois de sair da clínica para veteranos deveria ter tido pouca dificuldade para arranjar emprego. E talvez isso fosse verdade. Mas Kittridge não teve pressa. Passou quase um ano apenas lendo – a princípio as coisas de sempre, romances policiais e de aventura –, mas eventualmente chegou a livros mais substanciais: *Enquanto agonizo*, *Por quem os sinos dobram*, *As aventuras de Huckleberry Finn*, *O grande Gatsby*. Tinha passado um mês inteiro com Melville, abrindo caminho com dificuldade por *Moby Dick*. Muitos eram livros que ele achava que deveria ler, os que de algum modo deixara passar na escola, mas ele se pegou gostando de verdade da maioria.

Sentado no silêncio de seu pequeno apartamento, a mente perdida em narrativas de outras vidas e outros tempos, sentia-se como se tomasse um longo gole depois de anos de sede. Chegara até mesmo a se matricular em algumas disciplinas na faculdade comunitária, trabalhando na Outdoor World durante o dia, lendo e escrevendo seus trabalhos à noite e na hora do almoço. Nas páginas daqueles livros havia algo com o poder de fazê-lo sentir-se melhor com relação às coisas, um bote salva-vidas ao qual se agarrar antes que as correntes sombrias da memória o levassem rio abaixo de novo. E nos dias mais luminosos até podia se ver continuando assim por um tempo. Uma vida pequena mas passável.

E então, claro, o fim do mundo aconteceu.

Na manhã em que faltou luz, Kittridge havia terminado de fazer o upload das filmagens da noite anterior e estava sentado no terraço lendo *Um conto de duas cidades*, de Dickens – o advogado inglês Sydney Carton havia acabado de declarar seu amor eterno a Lucie Manette, noiva do desafortunadamente idealista Charles Darnay –, quando lhe veio o pensamento de que a manhã só poderia ser melhorada com uma tigela de sorvete. Para sua surpresa, a enorme cozinha de Warren – que poderia servir a um restaurante cinco estrelas – estava praticamente desabastecida e Kittridge havia muito tempo jogara fora as caixas de comida para viagem que constituíam os magros conteúdos da geladeira. Mas o sujeito tinha obviamente uma queda pelos brownies com cobertura de chocolate da Ben and Jerry, porque o freezer estava atulhado deles e nada mais. Kittridge teria apreciado um pouquinho de variedade, considerando que não haveria mais sorvete durante um bom tempo, mas, com pouca coisa para comer além de sopa enlatada e biscoitos, não iria reclamar. Equilibrando o livro no braço da cadeira, levantou-se, passou pela porta de vidro deslizante e entrou na cobertura.

Quando chegou à cozinha, começou a sentir que algo não estava certo, embora não soubesse de onde exatamente vinha essa impressão. Só quando abriu a embalagem e enfiou a colher numa gosma mole de brownie com cobertura de chocolate derretido ele realmente entendeu.

Experimentou um interruptor. Nada. Andou pelo apartamento, testando abajures e interruptores. Tudo igual.

Parou no meio da sala e respirou fundo. Certo, pensou. Certo. Era de esperar. No mínimo já deveria ter acontecido muito antes. Olhou o relógio: 9h32. O sol se punha pouco depois das oito da noite. Dez horas e meia para tirar o rabo dali.

Encheu rapidamente uma mochila: barras de proteína, garrafas d'água, meias e cuecas limpas, um kit de primeiros socorros, um casaco quente, uma caixa de antialérgico (as alergias o vinham infernizando durante toda a primavera), uma escova de dentes e o aparelho de barbear. Por um momento pensou em levar *Um conto de duas cidades*, mas parecia pouco prático e, com uma pontada de arrependimento, deixou-o de lado. No quarto vestiu uma camisa e uma calça cargo, terminando com um colete de caça e um par de sapatos leves para caminhada. Durante alguns minutos pensou em que armas levar, antes de se decidir por uma faca Bowie, um par de Glocks 19 e o AK polonês preparado com o pente dobrável: inútil a distância, mas confiável de perto, onde ele esperava estar. As Glocks se encaixavam perfeitamente nos coldres cruzados, uma embaixo de cada braço. Encheu os bolsos do colete com pentes carregados, pendurou o AK na alça a tiracolo, pôs a mochila nos ombros e voltou à varanda.

Foi então que notou o sinal de trânsito na avenida. Verde, amarelo, vermelho. Verde, amarelo, vermelho. Podia ter sido um defeito bobo, mas de algum modo duvidava disso.

Eles o haviam encontrado.

A corda estava ancorada num tubo de drenagem no telhado. Ele vestiu seu arnês de rapel, prendeu-o e passou primeiro a perna boa e depois a ruim por cima do parapeito. A altura não era problema, no entanto não olhou para baixo. Estava empoleirado na beira da varanda, virado para as janelas da cobertura. A distância ouviu o som de um helicóptero se aproximando.

“Última Resistência em Denver”, câmbio e desligo.

Com um empurrão, estava no ar, o corpo descendo para longe. Um andar, dois andares, três, a corda deslizando suavemente pelas suas mãos: pousou na varanda do apartamento quatro andares abaixo. Uma pontada familiar de dor subiu do joelho esquerdo. Ele trincou os dentes para forçá-la a se dissipar. Agora o helicóptero estava perto, o som do giro das pás ricocheteando nos prédios e ecoando nas ruas vazias.

Tirou o arnês, sacou uma das Glockes e disparou um único tiro para despedaçar o vidro da porta da varanda.

O ar do apartamento estava rançoso, como o interior de uma cabana fechada durante o inverno. Móveis pesados, espelhos dourados, uma pintura a óleo de um cavalo acima da lareira; de algum lugar vinha o fedor de podridão. Passou pelo espaço silencioso praticamente sem olhar. Junto à porta parou, prendeu uma lanterna no cano do AK e saiu ao corredor, indo para a escada.

Em seu bolso iam as chaves da Ferrari, que estava parada na garagem subterrânea do prédio, 18 andares abaixo. Kittridge empurrou com o ombro a porta da escada, varrendo o espaço acima e abaixo rapidamente com o fecho do AK. Tudo limpo. Tirou um sinalizador do colete e usou os dentes para desenroscar a tampa de plástico, expondo o botão de ignição. Com um estalo do combustível, o sinalizador começou sua chuva de fagulhas. Kittridge o segurou por cima da borda da mureta, mirando, e soltou-o; se houvesse alguma coisa lá embaixo, ele saberia logo. Seus olhos seguiram o sinalizador descendo, arrastando uma cauda de fumaça. Em algum lugar adiante ele esbarrou no corrimão e ricocheteou para fora de vista. Kittridge contou até 10. Nada, nenhum movimento.

Começou a descer. Três sinalizadores depois, chegou. Uma pesada porta de aço com barra de empurrar e um pequeno quadrado de vidro reforçado levava à garagem. O chão estava cheio de lixo: latas de refrigerante, embalagens de doces, latas de comida. Um saco de dormir amarrotado e uma pilha de roupas mofadas mostravam onde alguém estivera dormindo – escondendo-se, como ele fizera.

Kittridge tinha ido verificar a garagem do prédio no dia da chegada. A Ferrari estava parada perto do canto sudoeste, a uma distância de aproximadamente 60 metros. Provavelmente deveria tê-la levado mais para perto da porta, mas tinha demorado três dias para localizar as chaves de Warren – quem guardava as chaves do carro numa gaveta do banheiro? – e nesse meio-tempo Kittridge já havia feito uma barricada dentro da cobertura.

O chaveiro tinha três botões: um para as portas, um para o alarme e um que, ele esperava, daria a partida remota. Apertou o primeiro.

Do fundo da garagem veio um bipe nítido, de uma nota só, seguido pelo rugido gutural do motor da Ferrari. Outro erro: a Ferrari estava parada de frente para a parede. Deveria ter pensado nisso. Sua saída seria mais lenta assim e, se o carro estivesse virado para o outro lado, os faróis lhe permitiriam ver melhor o interior da garagem. Através da janela minúscula, só conseguia ver uma região distante, reluzente, onde o carro esperava como um gato murmurando no escuro. O resto da garagem estava coberto por um véu de negrume. Os infectados gostavam de

ficar pendurados em estruturas de teto, tubos, qualquer coisa com superfície tátil. A menor fissura servia. Quando eles chegavam, chegavam de cima.

O momento de decisão estava ali. Jogar mais sinalizadores para ver o que aconteceria? Mover-se sorrateiramente pelo escuro, buscando cobertura? Escancarar a porta e correr feito o diabo?

Então, lá no alto, Kittridge ouviu o ranger de uma porta se abrindo para a escada. Prendeu a respiração e prestou atenção, analisando o som. Eram dois. Mesmo sabendo que não deveria, afastou-se da porta e esticou o pescoço para cima, virando os olhos pelo poço da escada. Dez andares acima, um par de pontos vermelhos dançava nas paredes.

Abriu a porta e correu feito o diabo.

Chegara à metade do caminho até a Ferrari quando o primeiro viral caiu atrás dele. Não havia tempo para se virar e disparar, então Kittridge continuou em frente. A dor no joelho parecia um pavio de fogo, uma picareta cravada até o osso. Da periferia dos sentidos veio uma percepção arrepiante de seres acordando, a garagem ganhando vida. Abriu a porta da Ferrari, jogou o AK e a mochila no banco do carona, entrou e fechou a porta. O veículo era tão baixo que ele se sentiu sentado no chão. O painel, cheio de mostradores e botões misteriosos, reluzia como o de uma espaçonave. Faltava alguma coisa. Onde estava a alavanca de câmbio?

Um ruído metálico e no instante seguinte a visão de Kittridge se encheu com a coisa. O viral havia pulado no capô, agachado como um réptil. O coração de Kittridge disparou. Por um instante aquilo o encarou com expressão gélida, um predador contemplando a presa. Estava nu, a não ser por um relógio de pulso, um Rolex reluzente, grosso como um cubo de gelo. *Warren?*, pensou Kittridge, porque o sujeito estava usando um igual no dia em que Kittridge o levava até o carro. *Warren, meu velho, é você? Porque, se for, eu não me incomodaria em receber um conselho sobre como engrenar esta coisa.*

Então descobriu, com as pontas dos dedos, um par de alavancas posicionadas na parte de baixo do volante, à esquerda e à direita. Varetas de câmbio. Deveria ter pensado nisso. Para cima na direita, para baixo na esquerda, como uma motocicleta. A ré devia ser um botão em algum lugar do painel.

O botão que tem o R, gênio. Aquele ali.

Apertou o botão e pisou no acelerador. Rápido demais: com um guincho de borracha queimando, a Ferrari saltou para trás e bateu num poste de concreto. Kittridge foi lançado para a frente, a cabeça batendo no vidro grosso da janela do lado do motorista com uma pancada sonora. Seu cérebro ressoou como um diapásão e partículas de luz prateada dançaram diante de seus olhos. Havia algo

interessante nelas, interessante e lindo, mas outra voz dentro dele dizia que contemplar essa visão, ainda que por um instante, significaria morrer. O viral, tendo caído do capô, estava se levantando do chão, preparando-se para saltar de novo. Sem dúvida tentaria acertá-lo direto através do para-brisa.

Dois pontos vermelhos apareceram no peito do viral.

Com uma velocidade de pássaro, a criatura afastou o olhar de Kittridge e se lançou na direção dos soldados que vinham pela porta da escada. Kittridge girou o volante e apertou a alavanca da direita, engrenando a marcha enquanto apertava o acelerador. Um tranco e depois um salto veloz: foi empurrado para trás no banco enquanto ouvia uma descarga de arma de fogo automática. Justo quando pensou que tinha perdido de novo o controle do carro, encontrou o caminho certo, com as paredes da garagem passando a toda a velocidade. Os soldados lhe haviam garantido apenas um instante – um rápido vislumbre no retrovisor e Kittridge viu, à luz de ré, o que parecia ser a detonação de um corpo humano, um espalhar explosivo de partes. O segundo soldado não estava visível. Se Kittridge fosse apostar, o sujeito já devia estar morto, rasgado em partes sangrentas.

Não olhou para trás de novo.

A rampa que dava para a rua ficava dois andares acima, na outra extremidade da garagem, que parecia um labirinto; não havia rota direta. Enquanto Kittridge diminuía a marcha na primeira esquina, com o motor rugindo e pneus cantando, mais dois virais saltaram do teto para o seu caminho. Um caiu sob seu pneu com um som de esmagamento úmido, mas o segundo saltou por cima do teto da Ferrari acelerada, como se participasse de uma corrida de obstáculos. Kittridge sentiu uma pontada de espanto, até mesmo de admiração. Na escola havia aprendido que não era possível pegar uma mosca com a mão porque o tempo era diferente para ela. No cérebro da mosca, um segundo era uma hora, uma hora era um ano. Os virais eram assim. Como seres fora do tempo.

Agora estavam em toda parte, emergindo de todos os locais escondidos. Lançavam-se contra o carro como suicidas, levados pela loucura da fome. Kittridge os atravessava, corpos voando, os rostos monstruosos e distorcidos colidindo com o para-brisa antes de serem lançados para cima e para longe. Mais duas curvas e estaria livre, mas agora havia um agarrado ao teto. Kittridge freou na esquina, rabeando no cimento liso, e a força da desaceleração fez o viral rolar para cima do capô. Era uma mulher: espantosamente, parecia estar usando um vestido de noiva. Enfiando os dedos na abertura da base do para-brisa, ela ficou de quatro. Sua boca, uma armadilha de dentes sujos de sangue, estava escancarada e um minúsculo crucifixo de ouro pendia na base de seu pescoço. *Sinto muito pelo seu*

casamento, pensou Kittridge enquanto sacava uma das pistolas, firmava-a em cima do volante e disparava pelo para-brisa.

Virou a última curva. Um facho dourado de luz do dia surgiu adiante. Chegou à rampa a 110 por hora, ainda acelerando. A grade estava fechada, mas esse fato parecia insignificante, não era obstáculo. Kittridge mirou, afundou o pé no pedal e se abaixou.

Um choque furioso. Durante dois segundos inteiros a Ferrari decolou. Disparou na luz do sol, atingindo o pavimento com um estrondo de abalar os ossos e fagulhas voando do chassi. Liberdade enfim, mas agora ele tinha outro problema: não havia nada para impedi-lo de entrar no saguão do banco do outro lado da rua. Enquanto ricocheteava no canteiro central, pisou fundo no freio e girou o volante para a esquerda, preparando-se para o impacto. Mas não era preciso: com um guincho de borracha queimando, os pneus se grudaram e pararam, e a próxima coisa que Kittridge soube era que estava voando pela avenida, ao sol da manhã de verão.

Tinha de admitir. Quais haviam sido as palavras exatas de Warren? *Você deveria sentir o desempenho dela.*

Era verdade. Kittridge nunca havia dirigido nada assim.

CINCO

Durante um tempo, um longo tempo, que não foi tempo nenhum, o homem conhecido como Lawrence Grey – ex-interno do Instituto Correcional de Beeville e fichado como criminoso sexual no Departamento de Segurança Pública do Texas; empregado civil do Projeto Noé e do Departamento de Armas Especiais; Grey, a Fonte, o Desatrelador da Noite, Familiar Daquele Chamado de Zero – não esteve em lugar nenhum. Ele foi nada e lugar nenhum, um ser aniquilado, sem memória nem história, a consciência dispersa num mar sem litoral e sem dimensão. Um mar amplo e escuro feito de vozes murmurando seu nome. *Grey, Grey.* Elas estavam ali e não estavam, dentro e fora dele, chamando-o enquanto ele flutuava sozinho, uno com a escuridão, à deriva num oceano de eternidade tendo, em todo o espaço acima, as estrelas.

Mas não só as estrelas. Pois agora viera uma luz – uma luz suave e dourada que crescia sobre seu rosto. Lâminas de sombra se moviam por ela, girando como um pião, e com essa luz um som: aórtico, cardíaco, um *tum-tum-tum* que pulsava ao ritmo do giro. Grey olhava aquela luz maravilhosa, girando, e por sua consciência se esgueirou o pensamento de que o que ele estava vendo era Deus. A luz era Deus e seu Céu no alto, movendo-se sobre as águas, roçando a face do mundo como a bainha de uma cortina, tocando e abençoando Sua criação. O conhecimento floresceu dentro dele num jorro de doçura. Que júbilo! Que compreensão e perdão! A luz era Deus e Deus era amor. Grey só precisava entrar nela, entrar na luz, sentir aquele amor para sempre. E uma voz disse:

É hora, Grey.

Venha a mim.

Sentiu-se ascendendo, sendo erguido. Levantou-se e, quando o fez, o céu abriu as asas, recebendo-o, carregando-o para a luz, que era quase forte demais para suportar e depois era mesmo insuportável, um brilho ofuscante e destruidor, como o som de um grito dele próprio.

Grey, ascendendo. Grey, renascido.

Abra os olhos, Grey.

Ele fez isso: abriu os olhos. Sua visão se arrastou até focalizar. Uma forma escura girava de modo desagradável acima de seu rosto.

Era um ventilador de teto.

Piscou para afastar a sujeira. Um gosto amargo, como de cinzas molhadas, pintava as paredes de sua boca. O quarto onde estava tinha a aparência e a sensação inconfundível de um motel – a colcha áspera e o travesseiro de espuma barato, o colchão cheio de crateras embaixo e o teto igual a pipoca em cima, o cheiro de ar viciado, usado demais, nas narinas. Mas não fazia a menor ideia de como viera parar num lugar assim. Seu cérebro parecia vazio como um balde furado, o corpo era uma massa informe, feito gelatina. Até mesmo mexer a cabeça parecia exigir uma força além de sua capacidade. O quarto era iluminado por uma luz doentia e amarela que se filtrava pelas cortinas. Acima de seu rosto o ventilador girava e girava, balançando-se no suporte, com as engrenagens gastas estalando ritmicamente. A visão era tão abrasiva para seus sentidos quanto sais aromáticos, e no entanto ele não podia desviar o olhar. (E não havia algo sobre um som latejante, algo num sonho? Uma luz brilhante, levantando-o? Mas ele não se lembrava mais.)

– Que bom, você acordou.

Sentado na beira da segunda cama, de olhos abaixados, havia um homem. Um homem baixo, mole, enchendo o macacão como uma salsicha no invólucro. Era

um dos empregados civis do Projeto Noé, faxineiros assim como ele: homens como Grey, cujo serviço era limpar mijó e merda e fazer backup de discos e vigiar os espetos durante horas e horas, pirando lentamente. Todos eram criminosos sexuais, desprezados e esquecidos, homens sem histórias que alguém se importasse em lembrar, os corpos amolecidos por hormônios, as mentes e os espíritos castrados como um cão sem os testículos.

– Achei que o ventilador daria um jeito. Para falar a verdade, nem consigo olhar para a coisa.

Grey tentou responder mas não pôde. Sua língua parecia torrada, como se ele tivesse fumado um bilhão de cigarros. Sua visão tinha ficado toda aquosa de novo; a porcaria da cabeça estava rachando. Fazia anos que não bebia mais do que duas cervejas de uma vez – com os medicamentos a pessoa ficava sonolenta demais e praticamente perdia o interesse por tudo –, mas Grey se lembrava de como era ter uma ressaca. Isso era parecido. Como a maior ressaca do mundo.

– Qual é o problema, Grey? O gato comeu sua língua? – Ele deu um risinho de alguma piada particular. – É engraçado, você sabe. Nas circunstâncias. Eu poderia curtir um pouco de carpaccio de gato agora. – Ele virou o rosto para olhar Grey, as sobrancelhas arqueando. – Não fique tão chocado. Você vai ver o que eu quero dizer. Demora uns dias, mas depois bate numa boa.

Grey se lembrou do nome do sujeito: Ignacio. Ainda que o Ignacio de que Grey se lembrava fosse mais velho, de aparência mais gasta, com uma testa pesada e enrugada, poros onde daria para estacionar um carro e papadas flácidas como as de um cão bassê. Esse Ignacio estava no auge da saúde – literalmente *rosado*, as bochechas cheias de cor, a pele lisa como a de um bebê, olhos brilhando como zircônio. Até o cabelo parecia mais jovem. Mas não havia como se confundir, por causa da tatuagem – tinta de prisão, borrada e azulada, uma naja subindo pelo pescoço, saindo da gola aberta do macacão.

– Onde estou?

– Você é uma piada, sabia? Estamos no Red Roof.

– Onde?

Ele fungou ligeiramente.

– Na porra do Red Roof, Grey. O que você acha? Que eles iam mandar a gente para o Ritz?

Eles?, pensou Grey. Quem eram *eles*? E o que Ignacio quis dizer com mandar? Mandar com que objetivo? E nesse momento Grey notou que Ignacio estava segurando alguma coisa. Uma pistola?

– Iggy? O que você vai fazer com essa coisa?

Ignacio levantou preguiçosamente a arma, uma 45 de cano longo, franzindo a testa para ela como se não soubesse o que era.

– Não muita coisa, pelo jeito. – Ele inclinou a cabeça na direção da porta. – Aqueles outros caras estiveram aqui um tempo, também. Mas agora foram todos embora.

– Que caras?

– Qual é, Grey. Você conhece os caras. – Ele deu de ombros. – O magricelo, George. O Eddie não sei das quantas. Jude, o do rabo de cavalo. – Ele olhou para além de Grey, na direção das cortinas. – Para dizer a verdade, nunca gostei dele. Ouvi falar das coisas que ele fazia, não que eu seja de ficar fofocando. Mas aquele cara era totalmente nojento.

Ignacio estava falando dos outros faxineiros. O que estavam todos fazendo ali? O que *ele* estava fazendo ali? A arma não era bom sinal, mas Grey não podia invocar uma única lembrança de como viera parar onde estava. A última coisa que lembrava era de ter jantado no refeitório do complexo: bife Bourguignon com molho denso, com acompanhamento de batata e ervilha e uma coca-cola para ajudar a descer. Era sua refeição predileta. Ele ficava sempre ansioso por um bife Bourguignon, mas, ao pensar nisso, no gosto gorduroso, seu estômago se apertou com náusea. Um jato de bile saltou para a garganta. Precisou parar um instante só para respirar.

Ignacio balançou a pistola sem muita vontade na direção da porta.

– Olhe você mesmo, se quiser. Mas tenho quase certeza de que foram embora.

Grey engoliu em seco.

– Para onde?

– Isso depende. Para onde eles deveriam ir.

Grey se sentiu totalmente desorientado. Nem conseguia pensar no que perguntar. Mas tinha quase certeza de que não gostaria da resposta. Talvez o melhor fosse ficar deitado, quieto. Esperava não ter feito alguma coisa terrível, como nos velhos tempos. Os tempos do Antigo Grey.

– Bom – disse Ignacio, e pigarreou –, já que você está acordado, acho melhor ir andando. Tenho uma longa caminhada para fazer. – Ele se levantou e estendeu a arma. – Tome.

Grey hesitou.

– Para que eu quero uma arma?

– Para o caso de sentir vontade, você sabe, de dar um tiro em si mesmo.

Grey estava atônito demais para responder. A última coisa que desejava era uma arma. Se alguém encontrasse uma arma com ele, seria mandado de volta para a prisão, com certeza. Como Grey não fez qualquer menção de aceitar a arma, Ignacio a colocou na mesinha de cabeceira.

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
curta a página [facebook.com/editora.arqueiro](https://www.facebook.com/editora.arqueiro)
e siga [@editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro) no Twitter.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br



www.editoraarqueiro.com.br



[facebook.com/editora.arqueiro](https://www.facebook.com/editora.arqueiro)



twitter: [@editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br